

# NIETZSCHE E A VONTADE DE PODER COMO SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA

Arlindo Antonio do Nascimento Neto\*

---

**Resumo:** Este trabalho visa apresentar a proposta de superação da Metafísica presente na filosofia nietzschiana. Para atingir este objetivo serão tratados alguns conceitos básicos presentes na obra do filósofo, em especial, os conceitos de vontade de poder, arte e *Übermensch*. A proposta de superação da metafísica é apresentada, em boa medida, como crítica do autor à doutrina cristã.

**Palavras chave:** Arte. Moral. *Übermensch*. Vontade de Poder.

---

## 1. INTRODUÇÃO

79

A metafísica ou *filosofia primeira*, como é definida por Aristóteles, tem como base a diferenciação entre verdadeiro e aparente. Antes de Aristóteles, já em Platão e seu mundo das ideias, a razão foi tomada como meio de atingir a verdade. Para ambos os autores a verdade deve se enquadrar num critério de *não contradição*, ou seja, ser capaz de afirmar a verdade dos seres e dos entes. Os artefatos da razão, adaptados pelo princípio da não contradição, constroem a chamada *camada metafísica*, que descarta a *Φύσις* (*physis*), visto que essa se apresenta de forma contraditória. Neste processo, a razão acaba por se apresentar como principal mecanismo de confirmação das máximas metafísicas.

Essa busca constante pela verdade, própria da investigação metafísica clássica, no entanto, acabou por desgastar seus objetivos. Com o desenvolvimento da filosofia, agora no período moderno, a

---

\* Aluno do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: arlindo2911@gmail.com. Uma versão anterior do presente texto foi apresentada na VII Semana de Filosofia, promovida pelo curso de filosofia da UESB, realizada nos dias 15 a 19 de outubro de 2018.

metafísica encontrou sua completa realização nas filosofias de Kant e Hegel. É neste contexto de desgaste tanto dos objetivos quanto dos pressupostos da metafísica que Nietzsche propõe a total superação da própria investigação metafísica. Essa superação implica também a superação de todos os aspectos que configuram a concepção antropológica, epistemológica, moral e pedagógica que lhe são próprias.

Com o declínio dos conteúdos e métodos da metafísica clássica, urge a necessidade de criar novas categorias, apresentar uma nova tábua de valores, que possibilitem a compreensão do homem e do mundo. É por meio da introdução do seu conceito de *vontade de poder* (ou *vontade de potência*), que Nietzsche se propõe a superar as visões tradicionais no que diz respeito à existência e o papel do ser humano no mundo. Essa vontade de poder, compreendida como “relação de forças”, como não poderia deixar de ser, deságua no perspectivismo filosófico-metodológico, próprio da filosofia de Nietzsche.

Para Nietzsche, sem Deus - conceito ímpar e basilar para a metafísica ocidental -, a moral tradicional perde sua fundamentação, uma vez que a metafísica tradicional equiparou Ser e Deus. Se a moral não pode mais ser fundamentada nas verdades eternas, expressas pela metafísica, onde o homem encontraria o pressuposto moral necessário para superar o *niilismo* advindo da negação da existência de Deus? É através da transvaloração de todos os valores tradicionais, característica intrínseca da proposta filosófica de Nietzsche, que o homem deve estabelecer novas metas a partir daquilo que valora, deseja e cria.

80

## 2. O HOMEM E A VONTADE DE PODER

O entendimento do conceito de vontade de poder é de suma importância para a compreensão da proposta de superação da metafísica em Nietzsche.

Ao fazer bem e fazer mal aos outros, exercitamos neles o nosso poder — é tudo que queremos nesse caso! [...] Não altera o valor último de nossas ações o fato de que fazer bem ou mal envolva sacrifícios para nós [...]. Tudo depende de como o indivíduo está acostumado a *temperar* sua vida; é questão de gosto, se prefere

um aumento de poder lento ou súbito, seguro ou perigoso e temerário — ele busca esse ou aquele tempero, conforme seu temperamento (NIETZSCHE, 2002, p.64-65, grifo do autor).

Como afirma Ernest Thugendhat (2002, p. 48) algo que distingue o filósofo germânico dos demais naturalistas, é a seriedade com que ele encarava a “característica humana de transcender para algo”. Essa capacidade de transcender, própria ao homem, o diferencia dos demais animais. A diferença ontológica não precisa, como é próprio da metafísica clássica, ser realizada no confronto do homem com algo fora de si mesmo, mas é algo patente e notável em si mesmo, é essa vontade de ir além, de buscar um sentido para sua própria vida, de transcender a sua própria animalidade.

Com a morte de Deus, o sentido da vida, que antes consistia num vínculo sobrenatural entre criador e criatura, cai no abismo do nada. Esta consequência antropológica é o ponto de partida para Nietzsche qualificar o declínio da vontade como *niilismo passivo* ou *decadência*, como define Patrick Wotling:

81

O niilismo passivo [...] exprime o declínio da vontade de poder. Na sua forma extrema, traduz um sentimento de angústia: percebemos que o mundo não corresponde aos esquemas mediante os quais o interpretávamos, que o mundo não vale o que pensávamos que valia, donde o desânimo, a paralisia, a sensação generalizada de “para quê?” e da inutilidade de todos os objetivos que tínhamos propostos para nós mesmos. Trata-se, pois, de um niilismo do declínio, do esgotamento, de uma forma de imersão no pessimismo e no sentimento inibidor da vacuidade de tudo: nada tem valor, nada vale a pena (WOTLING, 2011, p.49-50).

É neste contexto, após a constatação da queda dos valores tradicionais no niilismo, que a vontade de ir além, de transcender o homem, necessita de uma nova roupagem, requer um novo propósito.

E como suportaria eu ser homem, se o homem não fosse também poeta, decifrador de enigmas e redentor do acaso? Redimir o que passou e transmutar todo ‘Foi’ em ‘Assim eu quis!’ – apenas isto seria para mim redenção! Vontade – eis o nome do libertador e mensageiro da alegria: assim vos ensinei eu, meus amigos! E agora aprendei também isto: a própria vontade é ainda prisioneira (NIETZSCHE, 2011, p.122, grifos do autor).

É na valorização da própria vida que Nietzsche vai enxergar o caminho que o homem deve traçar. Essa necessidade humana de “transcender” passa, então, a ser entendida no sentido de superação da própria condição humana. Esse processo de superação implica a criação de valores subjetivos e, conseqüentemente, no abandono de valores dados, uma vez que o transcender agora é um “transcender imanente”.

### 3. A ARTE COMO VONTADE DE PODER

Essa maneira distinta de pensar a relação do homem com a metafísica requer um novo ponto de partida epistemológico. Ainda conforme Tugendhat, o conceito de criação é fundamental na filosofia nietzschiana, sendo a arte um exemplo do sentido dado a este conceito pelo filósofo. Para Nietzsche, o ser (todo ser vivo, não apenas do homem), deve ser compreendido como vontade de poder. A arte é a representação imanente e viva dessa vontade de poder. Para o filósofo, a própria vida justifica-se como fenômeno estético.

Em sua obra *O nascimento da tragédia*, ao analisar os pressupostos da tragédia grega, o autor explora a dualidade presente nos princípios artísticos, expressos pelos impulsos *dionisíacos* e *apolíneos*. Os termos, retirados da mitologia grega, representam para ele as características marcantes da atividade artística. O primeiro termo, ligado ao deus Apolo, pode ser vinculado a uma busca pela perfeição da forma, por ser este impulso o responsável por dar um contorno específico a cada coisa. Neste ínterim, a arte apolínea seria originária de um impulso de ordenação da vida, uma justificação estético-racional advinda da perplexidade do homem diante do eterno devir.

O impulso dionisíaco, obviamente ligado ao deus Dionísio, ao contrário, identifica-se com os impulsos e as paixões, colocando a racionalidade em segundo plano. Assim, a arte dionisíaca, representa um escape de si mesmo, uma fuga da subjetividade. O desdobramento da arte, para Nietzsche, está ligado à relação entre esses dois instintos. Na Grécia Antiga, nas celebrações do *canto do bode*, posteriormente evoluídos até a representação teatral das tragédias, os homens teriam encontrado uma justaposição desses instintos, na transformação de um fenômeno natural (dionisíaco), em fenômeno estético (apolíneo).

No espaço trágico, as diferenças são celebradas: se a morte é gloriosa, se a dor é gloriosa, não há nada no universo que possa ser considerado condenável, desprezível. Os aspectos dolorosos e até medonhos do mundo não são *tolerados*, mas *consagrados*, pois não é possível o *próprio* sem *outro*; a festa não é possível sem percorrer o sofrimento; a derrota antecipa o momento glorioso, aliás, a glória está configurada por derrotas. (BARRENECHEA, 2014, p.40).

83

Essa forma distinta de entender e aceitar o mundo em sua totalidade, com o advento do socratismo, acabou por desgastar-se. O socratismo e as vertentes filosóficas que herdaram dele o idealismo, ao tirar do homem a capacidade de enfrentar o mundo como ele se mostra, por meio de um processo de supervalorização da racionalidade humana, além de atentar contra a própria vida, acabou por solapar a concepção helênica trágica e a noção de arte ao suprimir o dionisíaco e suas manifestações. Como afirma Nietzsche ao analisar os pressupostos da doutrina de Platão,

[...] aquela inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser e que o pensar está em condições, não só de conhecê-lo, mas inclusive de corrigi-lo. Essa sublime ilusão metafísica é aditada como instinto à ciência, e a conduz sempre de novo a seus limites, onde ela tem de transmutar-se em arte, que é o objetivo

propriamente visado por esse mecanismo. (NIETZSCHE, 1992, p.93)

Através da concepção nietzschiana de arte, podemos entender o seu efeito de substituição das convenções sociais por um sentimento de unidade. A arte surge como um mecanismo de compreensão do mundo, pois, através dela, é possível conhecer a realidade como ela se mostra, com todas as contradições e sofrimentos. Com base na individualidade e na subjetividade de cada indivíduo é possível compreender, genealogicamente, os aspectos que definem o homem, bem como a sua noção de verdade e a própria noção de arte. Para que tudo isso seja colocado em prática, é imprescindível que o método investigativo utilizado seja o genealógico, e não o dialético-platônico ou o analítico-sintético de Aristóteles e Kant.

A genealogia se opõe, para começar, à tradicional busca da essência e, de modo geral, desqualifica qualquer ideia de um dado sem origens. Representa a metodologia de questionamento própria de uma filosofia da interpretação e traduz a substituição da problemática da verdade pela problemática do valor. Caracteriza-se por uma dupla direção: a genealogia é, primeiramente, investigação regressiva que visa a identificar as fontes produtoras de um valor ou de uma interpretação (moral, religiosa, filosófica ou outra), as pulsões que lhe deram origem; é, em seguida, investigação sobre o valor dos valores assim detectados - o primeiro momento não é o objetivo da investigação, é a condição que torna possível o segundo (WOTILING, 2011, p. 43).

84

Assim, a arte se torna um mecanismo que nos dá a possibilidade de encarar a vida de uma maneira mais positiva, apesar de toda a sua aparente falta de sentido. A arte é uma forma de superação do niilismo. O processo de elaboração da arte se mostra, então, como a realização da vontade de poder. Esse processo passa inevitavelmente por uma retomada dos instintos dionisíacos e apolíneos.

#### 4. A MORAL EM NIETZSCHE

Conforme aponta Miguel Angel de Barrenechea, após o fim da “era trágica” na Grécia Antiga, “Todos os valores estiveram ancorados na pretensa existência desse além-mundo utópico e espectral. Na expectativa de atingir essa vida 'melhor' nesse mundo do além, a existência terrestre, o corpo e todas as manifestações vitais foram desqualificadas.” (2014, p.49).

Com a superação da metafísica, através da arte, proclamada por Nietzsche, as verdades objetivas perdem sua sustentação e sua capacidade de orientar o homem na vida prática, sobrando apenas uma perspectiva subjetiva. Em consequência disso, a própria ideia de moral desse ser reavaliada: se ela não pode mais fundar-se numa perspectiva metafísica, uma vez que Deus morreu, resta ao homem recorrer à sua origem mais arcaica para encontrar a origem dos valores morais.

Neste processo genealógico, cuja meta última é encontrar o fundamento para aquilo que nomeamos, comumente, como valores morais, o filósofo encontrará o que ele vai definir como sendo a “moral dos senhores” e “moral dos escravos”. Estes dois sistemas de avaliação, estão ligados ao valor subjetivo que é determinado por cada indivíduo de acordo com o seu próprio interesse.

85

Quando um ser é capaz de afirmar, sem pensamento dissimulado, sem segundas intenções, capaz de acolher aquilo que ele admira sem se sentir rebaixado, sua admiração é o sintoma de uma vida calcada na superabundância: só se admira bem aquilo que pode se admirar. O “senhor” é, então, um homem que julga “bom” aquilo que vem dele e, por extensão, tudo aquilo que lhe é semelhante, tudo aquilo que ele estima ser da mesma ordem que ele ou lhe diz respeito (MARTINS, 2018, p.15).

Para Nietzsche, a avaliação moral está intrinsecamente ligada à posição social de cada pessoa. Assim, a moral do escravo, está imersa na insatisfação em relação à natureza das coisas. Incapaz de compreender a natureza do senhor e de alçar-se ao seu patamar, o escravo inverte as

noções de “bem” e “mal”, tomando o Ideal Ascético como modelo de vida. É neste contexto que se fundamenta a sua crítica ao cristianismo.

Partindo o resultado de sua investigação genealógica Nietzsche conclui que o conceito de Deus cristão<sup>1</sup>, é fundamento da moral cristã, é um conceito nascido da rebelião escrava. A crítica de Nietzsche à religião cristã é uma crítica à origem da própria religião, uma vez que ela nasceu para dar alívio ao coração e, para realizar essa tarefa, ela teve que corromper a natureza:

O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, malgrado, transformou em ideal aquilo que *contraria* os instintos de conservação da vida forte; corrompeu a própria razão das naturezas mais fortes de espírito, ensinando-lhes a perceber como pecaminosos, como enganosos, como *tentações* os valores supremos do espírito (NIETZSCHE, 2007, p.12, grifos do autor).

A análise genealógica da religião cristã revela que ela é a expressão mais pura da moral do escravo. Frágil e inconsistente, essa moral encontra o fundamento no ressentimento<sup>2</sup>, na fragilidade daqueles que são incapazes de atingir, por vontade própria, os valores que eles próprios admiram. Foi uma investigação sobre os fundamentos da moral que revelou a necessidade que a religião cristã possui de uma justificativa transcendental - metafísica, portanto -, para ocultar aquilo que não é nada mais que simples vontade de poder. Essa moral, com os séculos, acabou por influenciar a moral dos senhores.

86

---

<sup>1</sup> Essencialmente um processo de rebaixamento moral do homem, para o filósofo.

<sup>2</sup> Para Nietzsche, o ressentimento seria uma espécie de “ódio contido”, conforme explica Wotling (2011, p.52-53). Esse ódio se reflete uma vontade de vingança, que nunca encontra sua realização plena, pois ela não tem condições de se vingar e, por isso, busca uma “compensação imaginária”. O ressentimento, portanto, sempre será um fato reativo, pois sempre é fruto de uma reação e nunca expressão de uma “criação espontânea”.



## 5. A MORTE DE DEUS E NASCIMENTO DO *ÜBERMENSCH*

A morte de Deus é necessária para a que o homem possa atingir um patamar que supere sua própria condição humana. Como escreve Urbano Zilles, “Para Nietzsche, afirmar que Deus está morto é afirmar uma realidade histórica. A ideia de Deus tornou-se vazia, sem vitalidade alguma no mundo. O que existe são os homens e algumas comunidades religiosas” (1991, p.172). Assim, para que seja possível a superação da moral do escravo, moral que se alastrou e faz parte da sociedade ocidental, é necessário, inicialmente, superar a própria ideia metafísica que a fundamenta.

Mas agora morreu esse deus! Ó homens superiores, esse deus era vosso maior perigo. Apenas depois que ele foi para o túmulo vós ressuscitastes. Somente agora vem o grande meio-dia, somente agora o homem superior torna-se senhor! (NIETZCHE, 2011, p. 272).

Para o filósofo a concepção de um deus como força anímica que perpassa a natureza deve ser a posição própria da nova cultura e concepção religiosa de Deus como criador deve soar como inimigo da vida<sup>3</sup>. A morte de Deus, enquanto princípio metafísico, é o elemento essencial para a transformação do homem, pois, se Deus é uma invenção da debilidade humana, sua negação é a superação da própria humanidade.

Uma vez estabelecido que a arte é o fundamento imanente e explicativo da vida é por meio de seu próprio poder criativo que o filósofo tem o dever de ser capaz de superar o niilismo e justificar a sua própria vida, após a morte de Deus. Como escreve Urbano Zilles, entretantes, a superação total do niilismo é papel do homem vindouro, do *Übermensch*, que se diferencia dos demais homens por sua vontade de poder, por sua vontade de superar a si próprio.

---

<sup>3</sup> O conceito cristão de Deus implica numa separação entre Deus e vida, visto que ele se torna um fundamento externo. Diferentemente do conceito grego que enxergava os deuses como forças vitais da natureza.

Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve ato maior - e quem vier depois de nós pertencera, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda história até então!” Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos [...]” (NIETZSCHE, 2002a, p. 148, grifos do autor).

O termo *Übermensch*, introduzido inicialmente em *Assim falou Zaratustra*, indica justamente, aquele indivíduo despido da moral religiosa. Para que este novo homem possa vir à vida, é preciso superar toda a vingança contida na moral do escravo. Conforme Wotling, no entanto,

88

[...] convém, em primeiro lugar, prestar atenção à formação linguística desse termo: o prefixo *über* (“sobre”) sempre indica em Nietzsche uma elevação de grau, portanto, de valor no sentido de uma hierarquia - no caso, a da tipologia humana, das diferentes formas que pode adotar o sistema pulsional do homem. O *Übermensch*, que seria enganoso traduzir por “super-homem”, faz pensar portanto num tipo superior de homem (WOTILING, 2011, p.12).

Essa noção de elevação presente no termo<sup>4</sup> aponta para uma superação dos valores presentes no contexto cultural ocidental, intrinsecamente ligado às noções equivocadas de bem e mal presentes na sociedade europeia, como fica claro nesta passagem da obra *Ecce Homo*:

---

<sup>4</sup> Neste sentido, “Além-homem” ou “Além do homem” são traduções mais adequadas para o termo *Übermensch* que “Super-homem”, como ele é por muitas vezes traduzido.

Zaratustra não deixa nisso dúvidas: diz haver sido precisamente o conhecimento dos bons, dos “melhores”, que lhe inspirou o horror ao homem; desta repulsa lhe teriam crescido as asas para “voejar para futuros longínquos” – ele não esconde que o seu tipo de homem, um tipo relativamente sobre-humano, é sobre-humano precisamente em relação aos bons, e que os bons e justos chamariam de demônio o seu super-homem... (NIETZSCHE, 1995, p.74)

O *Übermensch*, assim, não representa uma análise metafísica ou uma figura messiânica, mas antes, como aponta Wotling, “[...] referindo-se à história, ao ‘grande laboratório’ axiológico que ela é” (2011, p.14). Poderia ser aduzido como prova disso o surgimento de certos indivíduos que fazem parte desse “tipo superior”, de forma isolada em várias épocas e locais na história humana.

Só através da transfiguração da própria existência o homem terá a condição de seguir seu instinto natural de ir além. Essa vontade de poder deve manifestar-se como arte, através do qual o homem produzirá o mundo, criará valores e se afirmará não somente a partir dos valores, mas, sobretudo, de afirma como criador de valores.

89

## 5. CONCLUSÃO

Com a superação da metafísica e de todo idealismo advindo dela, o homem precisa buscar em si mesmo um sentido para sua existência, que o faça superar a decadência que se apresenta diante dele, decadência essa fruto das próprias reflexões humanas acerca da existência. Ao avaliar os pressupostos que configuraram a moral vigente em sua época, Nietzsche descobre o ponto chave para o entendimento das relações humanas: a superação da moral escrava, que significa a superação da moral ressentida, a superação do Deus cristão.

Tomando para si essa tarefa, o filósofo mostra que para uma real compreensão do mundo é preciso entender a transitoriedade com que ele se apresenta diante de nós e desejá-la como tal, sem subterfúgio. Neste interim, se faz necessária uma superação da metafísica cristã, pois esta

afirma uma vida eterna no pós-morte em detrimento da existência terrena. A única superação possível é uma transcendência imanente, através da transformação da vida em obra de arte e da arte em um impulso vital.

Denunciando toda a nocividade da moral cristã para a plena realização da sociedade ocidental, a filosofia nietzschiana mostra que a vontade de poder do homem não pode ser extinta, mas pode e deve ser direcionada para o benefício do próprio homem, tornando-se uma “vontade de vida”. A vida é para o homem seu bem mais precioso, assim, é preciso afirmar sua finitude e negar qualquer transcendência. Fazer essa afirmação de si, enquanto movimento de negação da tradição só é possível através da aceitação do amor ao destino (*amor fati*). Assim, a arte surge como meio importante para a compreensão e a afirmação da realidade como ela se apresenta: difusa e contraditória.

## REFERÊNCIAS

BARRENECHEA, Miguel Angel de. **Nietzsche e a alegria do trágico**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

MARTINS, Jasson. **Nietzsche e a crítica da metafísica**. Vitória da Conquista: UESB, 27.08.2018, 20p. Texto não publicado e não revisado.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **O anticristo: maldição ao cristianismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **A genealogia da moral: uma polêmica.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TUGENDHAT, Ernst. Nietzsche e o problema da transcendência imanente. *Ethic@*, Florianópolis, v. 1, n.1, 2002, p. 47-62.

WOTILING, Patrick. **Vocabulário de Nietzsche.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião.** 8 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

Arlindo Antonio do Nascimento Neto  
<http://lattes.cnpq.br/9940996661439803>